

A inadiável viagem do poeta para Ítaca

TEXTO DE NELSON SACTE

O mar ressoa nos ouvidos do poeta desde 1953. Vinte e sete anos depois chegou a «Monção». Luís Carlos Patraquim vagabundeou por lugares e jornais. O viandante deixava adivinhar que na invenção dos mitos, com a realidade no alforge da linguagem, a utopia ocupava um lugar de privilégio. E exaltava o amor à terra, aos homens e aos animais.

Em 1985, depois da «Monção», eis que o poeta se decide pela inadiável viagem. Cumpria-se na metáfora dos títulos o percurso do indivíduo, no ano seguinte. Luís Carlos Patraquim embarcava nas

naus do sonho. Dissera antes: «Agora vou com amendoins na língua insula da boca». E acrescentara: «Como mito, como signo, como rebeldia, não quero ser contado para o número total». Era para a Ítaca que viajava, parafraseando Cavafy.

Dois anos depois encontrámo-nos em Lisboa. No Rossio o Luís Carlos Patraquim, a Paula e o Rui Nogar. Passa das seis da tarde: há um movimento intenso de transeuntes e de automóveis. Nós vagabundeamos pelas ruas e pe-

ios bares. Fomos jantar ao Bairro Alto.

Durante duas semanas encontrei-me mais vezes com o Luís Carlos Patraquim. No dia em que eu embarcava para Maputo ele veio com a Paula à residencial onde me hospedara. O Rui Nogar, querido amigo e companheiro, também apareceu. Foi então que o levei para uma outra sala e aticei uma conversa sobre poesia. Sentado a um canto fixava-o intensamente: a barba, o cabelo quase despenteado, o cigarro na ponta dos lábios e os copos sobre uma mesinha.

Estou à frente de um poeta de grande vigilância oficial: Luís Carlos Patraquim é um poeta extraordinário pela capacidade inventiva do verbo que maneja. Para ele a poesia é um género de conhecimento. Lembra que Álvaro Lins dizia que os grandes filósofos da antiguidade eram poetas. E nesta esteira que o poeta português António Ramos Rosa diz que o poeta é um filósofo.

Luís Carlos Patraquim:

— No momento em que acontece o poema o que acontece é a



consciência pré-reflexiva do mundo.

Este poeta afirma que escreve com emoção. Sem emoção a poesia não é nada para ele. Diz que o trabalho poético nunca é um discurso explosivamente cerebral:

— Mas também se escreve com razão, com pensamento.

Esta ideia já foi expressa por Fernando Pessoa. Luís Carlos Patraquim faz uma pausa. O cigarro entre os dedos. Diz:

— A poesia, no momento da escrita e em cada momento, é a inauguração do mundo. A linguagem é aquilo que nos faz igualar aos deuses.

Luís Carlos Patraquim é um poeta de referências. Lembra T. S. Eliot que afirmava: «O supremo dever dos poetas é a língua». Isto incendeia na obscuridade da minha memória uma frase de Fernando Pessoa que me ocorre: «A minha pátria é a língua portuguesa». Não faço analogias mas a conversa continua. E, o meu interlocutor afirma:

— Acontece que escrever é uma necessidade interior. O poema acontece dum espaço exigido do Eu para a dádiva e o conheci-

mento do Outro. Mas esse Outro já está no sujeito poético da linguagem.

Ele fala da defesa e da exploração dos potenciais criadores da língua:

— A língua é por definição o capital colectivo de um país, de uma Cultura.

Para justificar esta afirmação recorre a Baptista-Bastos: «Um poder inculco é um poder que tem medo». Uma citação de cor.

A escrita, pensa Luís Carlos Patraquim, é a recriação do mundo: — É uma espécie de falar sem ter nada a dizer.

Há aqui um aparente paradoxo que se constrói entre uma zona de sombra e uma zona de luz:

— Tu não tens nada a dizer. Tu vais falar. Tu vais fazer o poema.

Para o Luís Carlos Patraquim toda a poesia é social: a poesia participa do social na medida em que se deve identificar com a problemática global de um determinado grupo humano a viver o seu tempo histórico:

— Nessa medida ela descobre e tem a obrigação de dizer sempre

mais do que é reputado e estrategicamente importante de qualquer dos poderes políticos para esse grupo social.

Faz uma pausa. Continua:

— Ai se entronca na questão da utopia. O poeta é aquele que tem saudades do futuro.

E adverte que nem por isso o poeta é um ser à parte. Diz Patraquim:

— Toda a verdadeira poesia é militante.

O poeta de «A Inadiável Viagem» pensa que o inventário de Octávio Paz sobre a poesia do livro «El Arco y la Lira» é uma das melhores definições sobre o género que cultiva. Escreve o poeta e ensaísta mexicano Octávio Paz: «A poesia é conhecimento, salvação, poder, abandono, (...) A poesia revela este mundo; cria outro. Pão dos eleitos; alimento maldito. Isola; une. Convite à viagem; regresso à terra natal. Inspiração, respiração, exercício muscular. Oração ao vazio, diálogo com a ausência: alimentam-na o tédio, a angústia e o desespero. (...) Arte de falar por forma superior; linguagem primitiva. Obediência a



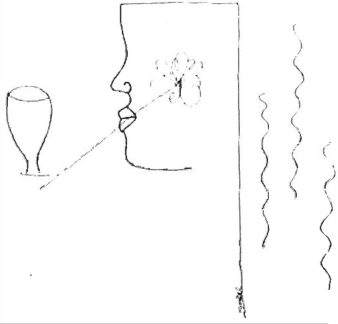
regras; criação de outras. (...) Loucura, êxtase, logos. Regresso à infância, coito, nostalgia do paraíso, do inferno, do limbo (...)

T 908. 1/1/80

56

LUIS CARLOS PATRAQUIM

A INADIÁVEL VIAGEM

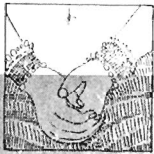


COLEÇÃO

Timbila

LUIS CARLOS PATRAQUIM

MONÇÃO



INSTITUTO NACIONAL DO LIVRO E DO DISCO

AUTORES MOÇAMBICANOS

Analogia: o poema é um caracol onde ressoa a música do mundo. (...)» E o inventário continua.

As obsessões de Luís Carlos Patraquim estão na poesia. Ele pensa que há uma mistificação do que se chama jovem literatura em Moçambique. A literatura é para muitos um exercício palimpsestico.

Diz o poeta:

— Reescrevemos as grandes interrogações que já estão escritas, que outros já reescreveram porque não podemos fugir nunca de forma essencial da apreensão do mundo que é a linguagem, que é a língua.

E depois refere-se à oralidade e aos mitos originais da cosmogonia africana. Pensa Luís Carlos Patraquim que é nessa visão primordial que se descobre todo o processo de criação literária:

— E o que está expresso naquilo que escrevi que é muito pouco e não tem tanta importância como isso. Compete lerem o que quiserem.

Na poesia não há propostas novas, nem propostas velhas:

— Ou se é poeta ou não se é!

Numa entrevista dizia Luís Carlos Patraquim: «A Nação moçambicana será o que for cada um de nós». Hoje o país navega numa realidade terrível, dramática. Alguns poetas cantam Moçambique com nostalgia. Luís Carlos Patraquim escreveu a «Elegia Carnívora», poema que serve de exemplo da abordagem que faz a este tema: a guerra, as imagens das crianças que não brincam ao crepúsculo, os massacres, o cenário de sangue e de morte. O poeta fala sobre o presente:

— É a convivência e vivência de uma tragédia infinita que se abate sobre Moçambique. Todos nós somos responsáveis e cada qual na sua esfera de acção. É o povo a ser assassinado quando nós pensávamos que tínhamos as armas todas para armarmos esse povo.

E uma vida na simplicidade do Ser não pode caber em nenhuma retórica justificativa ou iluminada na sua condição de moçambicano pela retórica política de qualquer tipo de processo. É evidente que espero que a guerra acabe e há sinais disso. Mas por tudo o que se está a passar é que eu digo que está tudo por ser dito. A excepção de algumas obras...

O poeta da «Monção» olha-me intensamente. Um breve silêncio cobre-nos. Os gestos acatelmam as palavras:

— Estão a pôr em jogo a radicalidade da vida. Estão a pôr em

jogo os comportamentos de uma mesma Cultura. Estão a pôr em jogo as linguagens opostas de uma mesma sociedade. E com isto não quero dizer que seja uma guerra civil, à maneira do jornalismo ocidental.

Luís Carlos Patraquim diz que a radicalidade é maior porque o espaço de visualização é o mesmo:

— Enquanto que a sociedade colonial foi e era um inferno exógeno, o problema dos BA's mostra o inferno dos infernos, porque é um inferno no interior de uma linguagem que nunca poderia se ter posto em confronto consigo. É com base neste tipo de análise que eu digo que pode nascer uma nova literatura. Esta vai estar mais com a vida. E com as definições do que seja uma moçambicanidade a acontecer. Acho que o poema «Elegia Carnívora» mostra isso. É evidente que o que está a acontecer em Moçambique continua a ser uma estratégia de libertação mas onde já não é a mesma retórica que pode servir. A literatura que está a acontecer é muito mais rica.

A conversa teve que ser interrompida. Chegou a hora da minha inadiável viagem para Maputo. O Luís abraça-me e ri; um riso largo. Ocorre-me uma frase bonita dele: «A poesia é uma transcendência». E há outras do meu amigo de quem tenho que me despedir mais uma vez. Dos projectos confidencia-me o «Europeu», diário que surgiu em Novembro em Portugal, no qual Patraquim é editor cultural, e o livro de poemas «Trinta e Tal Formulações e Uma «Elegia Carnívora» entregue ao editor, a sair brevemente em Lisboa. O Luís Carlos confidencia-me também que anda a escrever prosa.

Fica-me a inelutável lembrança do Luís e da Paula: os inesquecíveis episódios, a insuperável beleza de muitos poemas, a distância incurável. Consola-me o conhecimento de que o Luís Carlos Patraquim constrói diariamente uma viagem extraordinária a Itaca, recuperando a metáfora de Cavafy, onde os signos se desdobram num amor firme e profundo à terra e aos homens.

□